International Worker's Association
www.iwa-ait.org

Confederação Operária Brasileira
http://cob-ait.net/

Federação Operária do Rio Grande do Sul
http://osyndicalista.blogspot.com

Centro de Estudos e Pesquisa Social

http://cepsait.webnode.com

http://cepsait.blogspot.com

ceps_ait@forgs.cob-ait.net

Our purpose is to motivate the social research and stimulate the change relations which are related to the collection and production of information's about the history of the Brazilian Worker Movement.

"Rio Grande do Sul's Worker Federation"

Worker Bulletin
Year II Nº 44
Friday, 19/02/2010.

Caxias do Sul – Rio Grande do Sul – Brasil

Boletim Operário 44

Caxias do Sul, 19 de fevereiro de 2010.

Crônica Operária

Herbert Spencer, referindo-se a certos grêmios operários, disse em um artigo de seus livros "Não há um só vestígio de espírito altruísta em cujo nome o socialismo deveria propagar-se..."
E assim pensamos nós, também, há dias, refletindo sobre o que, em Porto Alegre, se chama propaganda pelo bem-estar e pela emancipação do proletariado.
Circunstâncias de origem doméstica nos haviam impelido a uma caminhada aos Navegantes, antes do romper dia. Foi, isto, numa dessa última madrugadas siberianas com que junho impõe que nos recordemos dele. Tão baixa era a temperatura, que a morte, por ela, desceria, para aprisionar, enregelado, o notívago adormecido ao relento e fora do alcance das vistas policiais.
Regressamos às 6 e meia da manhã; a temperatura era quase a mesma de 2 horas antes. Tiritávamos. Na ida, encontramos apenas 4 infelizes soldados de polícia, a cavalo e abrigados em ponchos, como espectros negros, de contornos indecisos, sob a cerração densa da manhã; na volta, porém, mudara-se o aspecto das ruas, apesar da cerração e do frio serem cruelmente intensos.
Viemos transitando por umas quantas daquelas estradas dos Navegantes, incompletas e margeadas, de longe em longe, por edifícios baixos, de modesta construção, e às quais houve quem desse a vaidosa denominação de avenidas de cidades grandiosas. Pouco antes, ali dominava a solidão; havia, envolto na meia treva da madrugada tardia, algo de pavoroso no silêncio que o viadante quebrava, de leve, com o ruído dos seus passos, sobre o caminho macadamizado. Na volta seguiam, pelas mesmas avenidas que trilhávamos homens, mulheres e crianças, quase todos apressados que sabe para reagir contra a gelidez da temperatura, embuçados – uns em capotes e ponchos, outros em chalés ou mantas, ou somente com a cabeça abrigada por lenços ou chalinhos de malha, de algodão ou lã, atados sob os queixos.

Eram operários em marcha para o trabalho nas oficinas.

Ver adultos em caminho para o labor, embora sob cortante inclemência de uma manhã hibernal, não nos causou impressão estranha. Pois que o homem é de estrutura para as lutas mais fortes, a ele compete manter a parte mais árdua do "struggle for life", sabemo-lo, por experiência própria.

Mas, ver a crianças e mulher sujeitas, em nossa terra a cruezas iguais àquela, causou-nos a mais penosa das impressões! Provavelmente, as almas boas que existem em Porto Alegre ignoram que, aqui, a necessidade do ganha-pão cotidiano cilícia a vida de pobres meninos e meninas, de infelizes donzelas, de mães de família, casadas ou viúvas, arrojando-as todas à escravidão dos regulamentos desumanos de certos estabelecimentos fabris, tal qual sucede nos grandes países industriais, onde a densidade da população e o acúmulo de fortunas colossais em mãos de poucos indivíduos transformam quase que em irracionais famintos, os deserdados da sorte, na avidez da imprescindível consecução dos meios de subsistência...

Que no país em que vivemos, como em todos, afinal, o homem luta nos mais ferozes combates, pela conquista do pão; que, nesses, padeça todas as agruras da pugna, todos os efeitos correlatos à descendência, que tem e defende, sobre o outro sexo – é lógico. Porém, que, aqui – onde a intensidade da concorrência industrial nem de leve possui o caráter de que existe na Europa, nos Estados Unidos, mesmo na Austrália e em parte da América do Sul – a criança e a mulher se vejam na dolorosa contingencia de abandonar o lar, à hora em que a treva reluta em ceder o espaço "al albor", para serem rebaixadas a condições impiedosas, impostas pela ganância dos grandes e pequenos "Shylocks", é coisa irrazoável, e que, dolorosamente, comove.
Aquelas mulheres madrugadoras e aquela madrugadora criançadas iam para as fábricas de espartilhos, de meias, de gravatas, de tecidos, etc., mourejar, em troca de um salário.
Nalguns desses estabelecimentos, o primeiro apito da máquina, chamando ao serviço o pessoal, já havia estridulado. E, por certo, muitas daquelas operárias, adultas ou não, alargavam os passos, a fim de vencer, com brevidades, a distância entre as suas moradas e as fábricas onde ima laborara, pois que, se lá chegassem 2 ou 3 minutos que fosses após a hora da entrada, ver-se-iam obrigadas a perder, pelo menos, meio dia de trabalho, tendo, conseqüentemente, que voltar para casa.
- Mas, talvez haja compensação ao sacrifício que fazem, como operárias – pensará o leitor.
- Sim, talvez – diremos nós – se é compensação, aquilo, o salário que, em regra, elas recebem, e que varia de 300 a 1500 réis por dia. Há, é certo, algumas que ganham mais do que isto, pois chegam a obter um salário de 4$; porém são bem poucas – umas 20, se tanto, entre as centenas de operárias de fábrica que se encontram em Porto Alegre. E, para que tal suceda, é mister que concorram em seu favor diversas circunstâncias excepcionais.

Mas, não é tudo. Há multas pecuniárias nas fábricas. Se a operária conversa com outra, sem que seja em assunto de serviço; se comete um erro qualquer, embora de somenos importância, no trabalho; se não tolera uma admoestação, e replica paga a falta com multas, que vão desde 200 réis a 2$, em vários estabelecimentos, e que, em outros, ascendem a quantia superior

Ante coisas assim, compreende-se porque muitíssimas moças pobres preferem entisicar costurando, à máquina, em casa, dia e noite, por tuta e meia, para lojas de roupas feitas, ou estafar-se, como engomadeiras, a se empregarem nas fábricas.

Em todos caso, é do rol das coisas bem tristes que uma pobre mulher, solteira ou viúva, para prover a própria subsistência e, as vezes, à de filhas ou irmãs menores, ficadas, como ela, ao desamparo, tenha de se sujeitar a tais martírios.

E sofre-se a mesma impressão que isso causa, ver, como vimos, por uma dessas últimas madrugadas frígidas, de céu plumboso e forne nevoeiro, infelizes crianças – meninos e meninas- com o rosto congestionado pela friagem, ocultando as mãos sob as axilas, a bater queixo, encolhidas, tiritantes, em caminho para as fábricas, onde, se chegassem a hora em que o rigor do regulamento exige, iam ganhar, no fim do dia, uns magros tostões, à laia de ordenado.
Ao reparar aquela criançada, pareceu-nos enxergar,, mais, um rebanho de cordeirinhos, que colhidos pela tempestade, desavisados do instinto, fugissem para um pouso onde se esperava a tosa...
Eram, de fato, muito semelhantes a isso, os grupos daqueles inocentinhos.
Há, em Porto Alegre, umas quantas associações operárias que funcionam, segundo os seus estatutos, para tratar dos interesses gerais da classe.
E por que motivo deixam ao desamparo os interesses das pobres mulheres e crianças operárias?
A verdade é flagrante, neste ponto estas sofrem muito mais do que os homens operários.
Qual a causa do desamparo em que os homens obreiros deixam aquela porção mais fraca de sua classe?
Esquecimento ou egoísmo masculino?
Seja qual for a causa, a realidade é que, à vista das condições em que se encontram as mulheres e crianças operárias, o observador imparcial que julgar a ação dos operários associados porto-alegrenses bem pode crer que a censura irrogada pelo famoso filósofo inglês não cabe às "trade-unions" da terra britânica...
Correio do Povo. Porto Alegre, 30 de junho de 1911.

- 1889-1890
- Rio de Janeiro
- Operárias Têxteis

"Estas pequenas operadoras são de fato aprendizes do ofício, vêem constantemente as suas companheiras trabalhar e no fim do ano, em geral antes de haverem atingido 14 anos, já conhecem o seu ofício e passam à categoria de meias-fiandeiras, trabalhando com meia máquina. Neste momento ganham de 90 a 100$000 por mês. Um pouco mais tarde, quando já destras, passam a trabalhar com à máquina inteira, ganhando então os apreciáveis salários de 170$000 por mês". (Carone, 1977, 415)

"O salário da mulher (***Metalúrgica Abramo Eberle de Caxias do Sul***) é inferior aos dos operários-homens. De 1943 a 1960 em quase uma centena de mulheres consultadas apenas 7 têm salário superior a um salário mínimo da época. Pela sua feminilidade, suas ocupações deveriam ser as que exigiam menor força física, mas tal não aconteceu, 80% ocupavam funções brutas. Embora seu número aumente gradativamente, mais da metade não consegue alcançar dois anos na empresa. Sua faixa estaria mais significativa é dos 16 aos 20 anos". (Lazzarotto, 1981, 189)

Amigos (as):

Apresentamos respeitosamente o endereço eletrônico da Federação Operária da Bahia:

http://avozoperaria.blogspot.com